

Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA

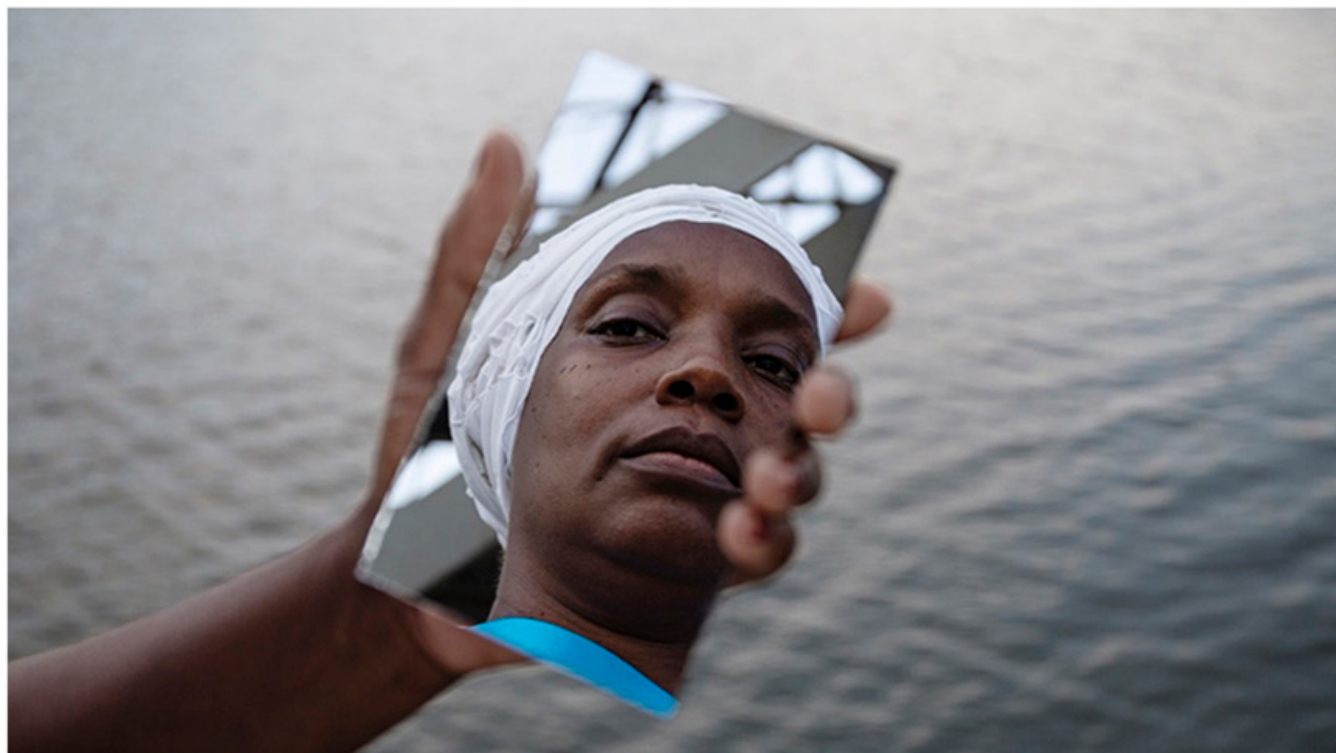


Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA

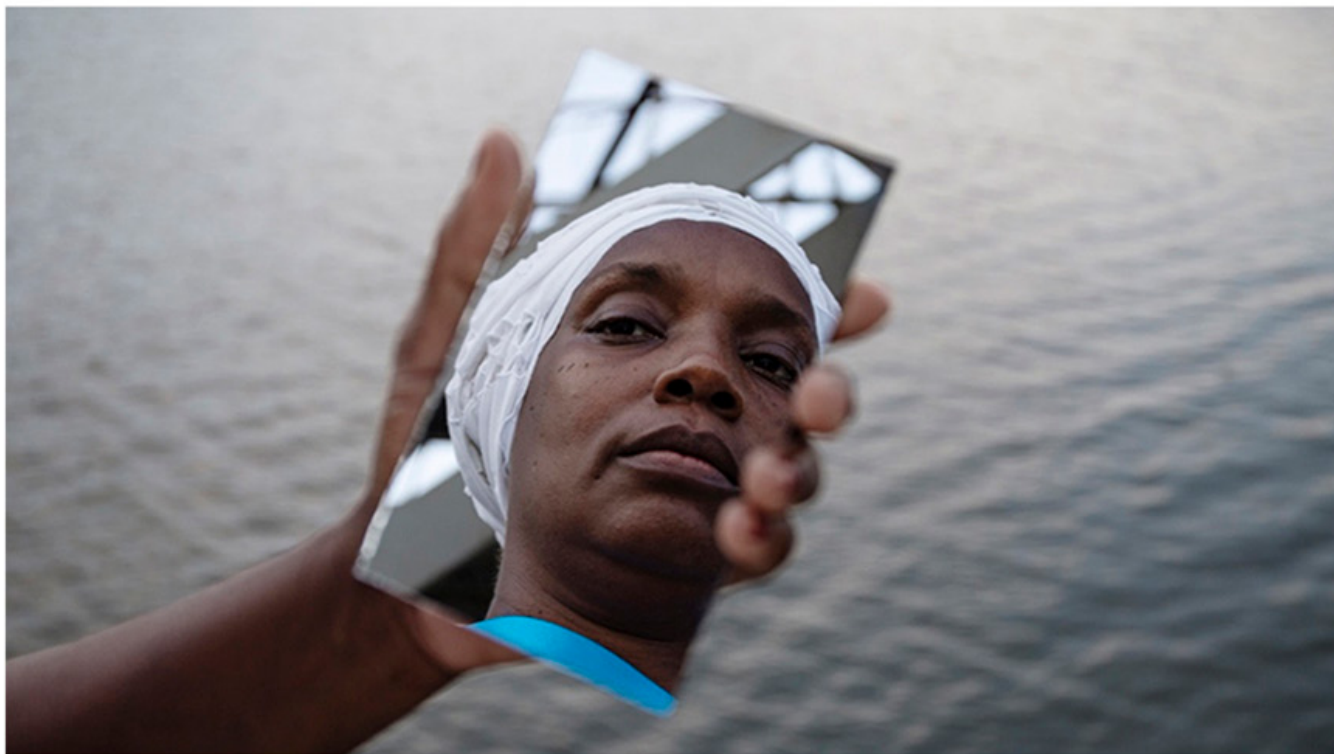


Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Organização



Apoio



42º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE (2022)

PRESIDÊNCIA DE HONRA (*in memoriam*) – Walter Zanini

DIRETORIA DO CBHA (2023-2025)

Presidente - Vera Maria Pugliese de Castro (UnB/CBHA)
Vice-presidente - Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)
Secretário - Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)
Tesoureira - Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)

DIRETORIA DO CBHA (2020 - 2022)

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)
Vice-Presidente - Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL/CBHA)
Secretária - Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)
Tesoureiro - Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)
Angela Brandão (UNIFESP/CBHA)
Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)
Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)
Fernanda Pequeno (UERJ/CBHA)
Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)
Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)
Sheila Cabo Geraldo (UERJ/CBHA)

COMITÊ CIENTÍFICO DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022

Elisa Souza Martinez (UnB/CBHA)
Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/CBHA)
Maria Inez Turazzi (IBRAM/CBHA)
Paulo Knauss de Mendonça (UFF/CBHA)
Rita Lages (UFMG/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO PRÊMIO CBHA DE TESES/ 2022

Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)
Dária Jaremtchuk (USP/CBHA)
Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP/CBHA)
Paula Ramos (UFRGS/CBHA)
Vera Beatriz Siqueira (UERJ/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DOS ANAIS DO 42º COLÓQUIO DO CBHA

Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)
Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)
Fernanda Pequeno da Silva (UERJ/CBHA)
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

IMAGEM: Aline Motta, (*Outros Fundamentos*, 2017-2019).

DIAGRAMAÇÃO: Thaís Franco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (42: 2022)

Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte - Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA, Rio de Janeiro, 7-12 nov. 2022. (Organizadores: Vera Marisa Pugliese de Castro, Eduardo Ferreira Veras, Ivair Junior Reinaldim, Daniela Pinheiro Machado Kern, Fernanda Pequeno da Silva e Rogéria Moreira de Ipanema. Porto Alegre: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2023 [2022].

Vários autores

1367 p. 21x29,7 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.42>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 42º do Colóquio do CBHA.

CDD: 709.81

Os textos dos artigos e as imagens reproduzidas nesta publicação são de responsabilidade dos respectivos autores.

Comitê Brasileiro de História da Arte (filiação ao *Comité Internationale de Histoire de l'Art*).

<http://www.cbha.art.br/index.html>

e-mail: cbha.secretaria@gmail.com

Colunas de pedra sabão: a geometria que nos desvela outras histórias

Raquel Fernandes, Instituto Federal Fluminense/
<https://orcid.org/0000-0002-3418-5336>
africanandes@gmail.com

Resumo

O trabalho propõe uma leitura da obra sem título (Colunas), do artista mineiro Jorge dos Anjos a partir de alguns eixos que atravessam a sua produção: monumentalidade intrínseca; revisão de narrativas; materialidade simbólica; fazeres e técnicas ancestrais; a geometria como linguagem. A obra utilizada como objeto deste texto está localizada no Museu Afro Brasil, na cidade de São Paulo – SP. O conjunto escultórico é composto por dez colunas de aço e pedra-sabão, organizadas de modo a envolver o espectador com sua imponente presença. As unidades de sentido formam frases visuais que juntas nos apresentam uma dramaturgia da diáspora e da contemporaneidade. O trabalho faz uma conexão do artista de hoje com a pedra-sabão, elemento presente na herança escultórica e arquitetônica da sua cidade natal, Ouro Preto. Do passado ao presente a matéria atravessa o tempo ressignificando os sentidos.

Palavras-chave: Arte brasileira. Pedra-sabão. Escultura. Jorge dos Anjos. Aleijadinho.

Abstract

The work proposes a reading of the untitled work (Colunas) by the artist from Minas Gerais, Jorge dos Anjos, based on some axes that cross his production: intrinsic monumentality; narrative review; symbolic materiality; traditional practices and techniques; Geometry as a language. The work used as the object of this text is located at the Museu Afro Brasil in the city of São Paulo - SP. The sculptural set is made up of ten steel and soapstone columns, arranged in such a way as to envelop the spectator with their imposing presence—the units of meaning form visual phrases that together present us with a dramaturgy of diaspora and contemporaneity. The work connects the artist of today and soapstone, an element in his hometown's sculptural and architectural heritage, Ouro Preto. From the past to the present, matter crosses time, re-signifying the senses.

Keywords: Brazilian art. Soapstone. Sculpture. Jorge dos Anjos. Aleijadinho.

Introdução

Este artigo, resultado de parte de pesquisa de doutorado e apresentado no 42º Colóquio do CBHA no ano de 2022, propõe uma leitura da obra *sem título (Colunas)*, do artista mineiro Jorge dos Anjos. A obra utilizada como objeto deste estudo está localizada no Museu Afro Brasil, localizado no Parque Ibirapuera, na cidade de São Paulo – SP. O conjunto escultórico é composto por dez colunas de aço e pedra-sabão, organizadas de modo a envolver o espectador (corpo, ideia e sensações) com sua imponente presença. As unidades de sentido formam frases visuais que juntas nos apresentam uma dramaturgia da diáspora e da contemporaneidade.

O trabalho faz uma conexão pontual do artista com a pedra-sabão, elemento presente na herança escultórica e arquitetônica da sua cidade natal, Ouro Preto. Desenvolvido na região da Mata dos Palmitos, local de extração e manipulação deste material há centenas de anos, a produção das colunas leva dos Anjos ao seu passado territorial, histórico e ancestral, permitindo reconstruir esse caminho com novas perspectivas para a arte contemporânea afrodiáspórica.

O espaço do museu exhibe a obra de modo que sua fruição ganhe diversas nuances: ora com a luz natural em abundância, ora com uma luz difusa do tempo nublado; em diálogo com a abundante natureza exterior, através das grandes janelas de vidro; refletindo as colunas nessas mesmas janelas multiplicando-as em formas e sentidos diversos; e ainda deixando espaços para o corpo do espectador circular entre elas e permitir leituras em múltiplas direções.

A obra escultórica de Jorge dos Anjos se configura, muitas vezes, como algo mutável. Em uma das entrevistas concedidas pelo artista para esta pesquisa, ele enfatiza essa condição de vir a ser da obra, que muda com o tempo e com o espaço. Assim como o corpo e a vida, a obra vai se transformando e se modificando com a passagem do tempo. A curadoria do museu também brinca com essas possibilidades, pois nas diversas visitas feitas ao espaço podemos observar a disposição das colunas de diferentes formas. Assim as experiências, interações e leituras podem ser reinventadas e refeitas sob um novo olhar ou um novo prisma.

Para organizar o pensamento entorno da obra, e do seu fazer técnico e sensível, o texto traça um diálogo entre os autores Márcio Sampaio (2010), Roberto Conduru (2013) e Leda Maria Martins (2021), que em diversas produções citam, nomeiam e refletem vários atravessamentos que apreendemos nas entrelinhas das memórias.

Este breve texto que integra uma pesquisa mais aprofundada sobre a obra e a trajetória do artista, se organizará a partir de dois eixos que atravessam a sua produção

ao longo do seu caminhar construtivo: monumentalidade intrínseca e materialidade simbólica. A partir desses dois grandes aspectos diversos atravessamentos vão se organizando e nos desvelando novas narrativas.

Monumentalidade Intrínseca e materialidade simbólica

A obra *s/título (Colunas)*, objeto principal dessa escrita, materializa um desejo de ocupação espacial e de reescrita histórica contundente, perene, e ao mesmo tempo fluida, no território físico e imagético do espectador de arte.

O artista redimensiona e direciona o seu fazer escultórico e construtivo para criar um conjunto de colunas que coloca o corpo e a obra em diálogo. Na medida em que se aproxima da obra, o espectador sente a necessidade do afastamento e da aproximação física com as colunas para que as leituras, a apreciação e a fruição possam ser desenvolvidas. O jogo do campo visual, distância focal e enquadramentos feitos tanto na horizontal para o conjunto, quanto na vertical pela sua condição totêmica faz dos nossos olhos, lentes de uma câmera do tempo, onde podemos ler e reler histórias de um universo imaginado.

A monumentalidade identificada como aspecto transversal em muitas obras do artista, revela para nós uma retomada do território imagético de forma tridimensional. Dessa forma Jorge encontra eco no passado do seu conterrâneo Aleijadinho (1738 – 1814), que ao extrair a pedra-sabão da mesma pedreira também criava formas monumentais para contar outras histórias oriundas do universo do colonizador.



Figura 1. Jorge dos Anjos.
Conjunto Escultórico em Pedra Sabão, 2002
Técnica, Dimensões:
Estrutura de aço e pedra-sabão,
220 X 40 X 40 cm (cada).
Acervo: Coleção Museu Afro
Brasil
Fonte: website Museu Afro
Brasil

Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho (1738 – 1814), nasceu em Vila Rica, atual Ouro Preto, onde também nasceu o artista e escultor Jorge Luiz dos Anjos (1957). Era filho natural de um arquiteto e mestre de obras português Manuel Francisco Lisboa e de uma negra escravizada, Dona Isabel. Quando o pequeno rapaz se aprumou no campo da arte, a cidade vivia uma ascensão barroca que se configurou no território mineiro com a finalidade de demonstrar na colônia a força “espiritual da religiosidade do Catolicismo da Contra-Reforma ibérica, que cobra fidelidade às Sagradas Escrituras”. (WERKEMA, 2014).

Embora oriundos do mesmo lugar, isto é, da mesma localização geográfica, os dois artistas vivenciam esse espaço que se constitui e se transforma política e socialmente ao longo da história do Brasil e do mundo. Apesar de terem construído suas trajetórias com referências múltiplas da imagética europeia, africana e brasileira, e do trabalho com diversos materiais, é na pedra que esses dois artistas se conectam e se comunicam, estabelecendo um diálogo em constante permanência.

É sabido que a configuração do Barroco nas terras brasileiras personificou-se principalmente na estatutária, nas pinturas murais, nos altares, nos relevos, nos retábulos e frontispícios com o objetivo de uma construção narrativa ideológica, severa e dramática, a fim de persuadir os fiéis e consolidar e expandir o cristianismo nessas terras. Esta reflexão faz uma abordagem que nos direciona a pensar a partir do trabalho com a pedra de Aleijadinho mas, ao mesmo tempo, faz um mergulho da importância simbólica dessa estrutura verticalizada em pedra no fazer artístico de Jorge dos Anjos. A partir deste ponto, conexões iconográficas e intersessões iconológicas serão reveladas aos nossos olhos para que possamos entrar no universo barroco-construtivo que se desenha.

Na publicação “Aleijadinho, 200 anos” (2014), Mauro Werkema traz a importante participação do mestre Antônio Francisco Lisboa, juntamente com seu parceiro em vários trabalhos, Manoel da Costa Ataíde, na transição do Barroco para o Rococó. No auge da sua produção artística na colônia, cresce o gosto pelas Artes e a elite que se forma e se instala na cidade passa a valorizar cada vez mais seus trabalhos. Dá-se então um surto criativo que se espalhará não apenas pelas Igrejas (Capelas privadas e públicas; Matrizes de várias Ordens), mas também na arquitetura civil e religiosa nas casas particulares, praças e espaços públicos.

Protagonista do Barroco brasileiro, Aleijadinho, artista que produzia com diversos materiais apesar das dificuldades físicas que o assolavam, constrói, inspirado nas histórias bíblicas, cenas escultóricas da vida de Cristo, seus profetas e demais personagens advindos do Cristianismo. Essa gama de personagens posicionados em

cenas dramáticas eram necessários para garantir a verossimilhança da história que precisava ser difundida entre os novos cristãos.

Seu conjunto escultórico em madeira policromada que forma os Passos da Paixão de Cristo na cidade de Congonhas, também em Minas Gerais, não deixa dúvidas de sua capacidade técnica ao dominar a madeira e personificar expressões que atraem o fiel e o espectador para a dramaticidade das cenas que são contadas ao longo do percurso.

A verticalidade, a resistência e a monumentalidade da pedra sabão, aspecto ao qual esta reflexão se dedica, aparecem de diversas formas na trajetória do mestre escultor. Dos portais, adornos, anjos e capitéis que ornaram as Igrejas de Mariana, Congonhas, Tiradentes, São João Del’Rei e Ouro Preto, onde ele trabalhou, aos monumentais profetas que estão estrategicamente posicionados, quase que em vigília, no pátio frontal do Santuário de Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas, a pedra se configura como um material perene em relação à história e, ao mesmo tempo, efêmero no que se refere às diversas leituras que possam ser feitas ao longo dos anos.



Figura 2. Antônio Francisco Lisboa - Aleijadinho. Profetas no átrio do Santuário de Bom Jesus de Matosinhos., 1800-1805

Técnica, Dimensões: Doze estátuas de pedra-sabão, 2,5m de altura (cada).

Acervo:

Fonte: Aleijadinho 200 anos. 1ª edição. Ouro Preto : Livraria & Editora Graphar, 2014

Crédito da imagem: Gladyston Rodrigues/EM/D.A Press, 2020

A maneira precisa e delicada com a qual ele trabalha um elemento tão rígido deixa marcas de expressão que podem ser reinterpretadas ao longo do tempo e possibilita uma clara leitura dos dramas religiosos. Mesmo nos dias atuais, ao contemplar sua obra escultórica em pedra sabão, pode-se reestabelecer uma conexão com o passado e repensar essas figuras na contemporaneidade.

Os profetas, estrategicamente posicionados nos ângulos que formam a escadaria do Santuário, acentuam a perspectiva e a sensação monumental de verticalidade quando o fiel-espectador se aventura em subir a colina, atravessar os passos da paixão e quase que invadir a reunião de homens de pedra que, em vigília, cuidam e protegem o local.

A pedra, em posse do artista, representa não apenas um suporte onde ele desenvolverá sua técnica e criará peças alegóricas e representativas da estatuária católica europeia, mas também como elemento fundamental que repete e retoma saberes outros da sua ancestralidade artística e étnica. Da pedreira à Igreja, o elemento rígido, duro, pesado e frio se modifica de forma fluida e ganha leveza e calor expressivos, se transformando nas mãos do artista e aos olhos do fiel e/ou espectador.

Jorge dos Anjos, após se consolidar como artista plástico no cenário nacional e internacional e trabalhar com diversos materiais dentro de uma estrutura bidimensional, se aventura para a tridimensionalidade e, além do ferro e da madeira, é na pedra que o artista encontra a monumentalidade intrínseca buscada por ele e por Valentim no “Manifesto Ainda que Tardio” (1976).

Em documentário recente reproduzido no canal do *youtube Arte De Toda Gente*, como parte de um evento organizado excepcionalmente no formato virtual chamado *Bossa Criativa / Mostra Ouro Preto / Apresentação / Pedra Sabão* (2022), dos Anjos elabora e expõe seu pensamento em relação ao diálogo com a pedra-sabão e o tempo-espaço em que esse elemento transita dentro da produção artística desde o período barroco no Brasil.

A tradição escultórica mineira também conecta questões profundas da religiosidade e da ancestralidade afro-brasileiras. A pedreira, para além da representação de resistência e de transformação, é lugar onde pode sentir a presença de Xangô. No panteão dos Orixás cultuados no Brasil, nas religiões de origem lorubá, Xangô, rei, com a força dos raios e do fogo, se apresenta nas formações rochosas que nascem a partir da sua força. Com seu instrumento Osè (Oxé de Xangô), uma espécie de machadinha que tem lâmina para os dois lados, domina esse elemento e protege seus filhos e filhas das injustiças do mundo.

O universo afrodiaspórico de Jorge dos Anjos é revelado e ao mesmo tempo contido em diversos momentos na mesma obra, juntamente com a sua formação e seu traço, risco e recorte precisos. Da concepção e do impulso criativo original, a experimentação da ideia e toda a conquista da matéria e da técnica trazem no rito da transformação a reinvenção da ação do trabalho com a pedra. Segundo Roberto Conduru,

...como cultiva conexões com o universo afro, podemos alcançar o significado ativo, criador, instaurador de mundos, da linha e do riscar para os nagôs, o que amplia o sentido dos signos geométricos para além da condição de emblemas de uma racionalidade, sacra ou profana, tomada como modelo a ser atingido. (CONDURU, 2013, p.96)

As colunas pensadas aqui, juntamente com o conjunto de sua produção escultórica, segundo Conduru (2013), têm sentidos ambíguos na medida em que está imbuída de significados culturalmente localizados, e risca no espaço tridimensional, uma geometria que tenta fugir do idealismo concretista, ao mesmo tempo, que traz mitos e sentidos de diversas origens na multiplicidade de suas interpretações.

“A monumentalidade e a disposição para o diálogo com os espaços urbanos constituem elementos que marcam e definem a vocação da escultura de Jorge dos Anjos.” (SAMPAIO, 2010, p.35) A pedra tem aí um papel simbólico importante na permanência das histórias e com a sua durabilidade mantém a certeza da existência desses povos por aqui. O domínio do elemento e o processo de transformação também dialogam e remontam esse fazer, esse domínio técnico de retirar a pedra do seu lugar original, cuidá-la, transformá-la e fazer com o que ela represente essa história de forma contínua.

A obra *sem-título – (Colunas)*, ergue-se aos nossos olhos e com uma proporção redimensionada do nosso corpo, de maneira monumental e ao mesmo tempo acolhedora, traz também outro aspecto importante das escolhas do artista. Por mais que a monumentalidade escultórica seja uma característica importante para dos Anjos, no que se refere a relação do corpo-espectador com a obra, ele a concebe e produz de maneira que a mesma não oprima os nossos corpos, mas ao contrário, que nos abrace com seus signos e dessa forma possamos “ler”, “ouvir” e “sentir” a história que está sendo desvendada aos nossos olhos.



Figura 3. Jorge dos Anjos e seus assistentes na montagem do conjunto escultórico na Mata dos Palmitos, Ouro Preto (MG). 2002

Técnica, Dimensões: Produção e execução do conjunto escultórico composto pelas doze estátuas de pedra-sabão, 2,5m de altura (cada).

Acervo: Márcio Sampaio

Fonte: SAMPAIO, 2010

Crédito da imagem: Marcilio Gazzinelli.

Ao trabalhar na pedra a simbologia religiosa de outra matriz, isto é, de origem afro-brasileira, ele se vê na função de tirar a frieza do elemento trazendo o calor das memórias e imprimindo com rigor técnico as sutilezas do seu impulso criativo vital.

Ele organiza, com toda propriedade técnica, uma estrutura totêmica que se compõe de cubos de pedra moldados, trabalhados, esculpidos, transformados em organismos sensíveis. A textura variada dos acabamentos, as entranças e os signos que se inscrevem no bloco de pedra nos revelam uma dramaturgia simbólica que conta parte da história dos povos negros escravizados no Brasil.

As colunas de Jorge dos Anjos em forma de conjunto escultórico, extraídas da mesma pedra de outros tempos, apresentam uma verticalidade propositadamente pensada para fazer-nos sentir e experimentar outra relação do corpo com esse espaço da cidade e com a história contada através dos signos-símbolos colocados ali.

Aqui se dá um dos muitos pontos de contato estético e poético de fruição do corpo com o espaço da obra. A pequenez do homem de outrora diante da monumentalidade das torres da Matriz e dos Profetas de Aleijadinho se transforma em um corpo vivo,

grande, cheio de memórias, que transita entre as colunas que se apresentam com toda a sua verticalidade, sem abandonar o diálogo visual e simbólico com o homem e entre as suas unidades signográficas.

A catedral é o monumento de celebração da vitória; mas é apenas um elemento do vasto e orgânico complexo monumental, que corresponde à *torre*, o *batistério* e o *campo-santo*. O agrupamento de edifícios monumentais em um complexo orgânico é um tema urbanístico nitidamente clássico; profundamente cristã é, ao contrário, a ideia de exprimir neles o ciclo inteiro da existência, desde o nascimento até a morte. (ARGAN, 2003, p.298).

O texto acima mostra pontualmente a necessidade da verticalidade urbana e pública para o ser e o sentir do homem na sociedade, pois mostra no complexo arquitetônico da cidade sua conexão entre a vida e a morte, céu e terra, homem e Deus, ou deuses. Essa necessidade totêmica e vertical está posta em uma teoria eurocentrada, no exemplo acima, da mesma forma que conseguimos enxergar em outros pensamentos e em outras referências ao longo do trabalho.

Em seu livro *Afrografias da Memória*, Leda Maria Martins (2021), elabora importantes reflexões acerca das permanências, das oralituras e dos registros da cultura afrodiaspórica. Por mais que o continente europeu com toda a sua força física, violenta, colonizadora e invasiva tenha insistido em diversas tentativas de apagamentos: físicos, intelectuais, emocionais, individuais e coletivos; a força da existência foi grandiosa e em todas as frestas tenta captar luz e renascer em nosso cotidiano.

...a colonização da África, a transmigração de povos colonizados para as Américas, o sistema escravocrata e a divisão do continente africano em guetos europeus não conseguiram apagar no corpo/*corpus* africano e de origem africana os signos culturais, textuais e toda a complexa constituição simbólica, fundadores de sua alteridade, de suas culturas, de sua diversidade étnica, linguística, de suas civilizações e história. (MARTINS, 2021, p.31)

Na obra *Sem título (Colunas)*, sobre a qual nos propusemos colocar nosso olhar neste trabalho, o artista elabora uma construção simbólica, textual, que de forma conjunta com a linguagem, a materialidade e a produção da obra si, o fazer, nos conta uma história de permanências e de existências. A condição totêmica é um elemento contido na monumentalidade; o trabalho com a pedra reorganiza a força e um saber ancestral; os signos elaborados a partir de uma subjetividade simbólica do universo e do imaginário afrodiaspórico reorganiza a história e nos desvela novas narrativas.

Essa complexa organização "texto-vérbico-visual-signográfica" como diria Valentim em seu Manifesto (1976), nos leva a outra bifurcação de caminhos que percorrem a existência de Aleijadinho e chega até dos Anjos. Entre o Barroco Brasileiro e o Construtivismo Crioulo, essa linguagem esculpida nas colunas remonta outra narrativa

histórica que também confere dramaticidade, fé, proteção e envolvimento com a obra. A escultura projeta sombras a partir da luz e mostra elementos identificáveis construídos para serem lidos e compreendidos; assim como as imagens envolventes no portal da Matriz de São Francisco de Assis, e na expressão e posicionamento dos profetas em Congonhas.

A pedra-sabão, transformada pelas mãos do Aleijadinho em refinadas figuras de santos católicos e elementos decorativos das portadas e dos altares das igrejas mineiras, recupera na escultura de Jorge dos Anjos a sua destinação ao sagrado. (SAMPAIO, 2010, p.36)

Retomar elementos, aprimorar técnicas e reestruturar os signos de modo a poder contar a história de homens e deuses é uma prática que os dois artistas perseguem nas suas trajetórias. Jorge encontra no construtivismo e na sua poética; na sua memória afetiva e na sua constante formação imagética dentro de um cenário cultural e sincrético sua força expressiva que dialoga com a pulsão totêmica de tribos ancestrais, com a fluidez da forma que nos traz constante sensação de movimento e seus adornos cíclicos que sempre nos levam às origens. Nesse jogo de representação do sagrado o artista comove, envolve e captura o fiel-espectador.



Figura 4. Jorge dos Anjos. Conjunto Escultórico em Pedra Sabão, 2002.
Técnica, Dimensões: Estrutura de aço e pedra-sabão, 220 X 40 X 40 cm (cada).
Acervo: Coleção Museu Afro Brasil
Fonte: Acervo pessoal
Crédito da imagem: Raquel Fernandes

Jorge dos Anjos, com a sua geometria sensível reorganiza os signos, elementos aparentemente simples em uma composição complexa, que depende de um acordo poético com o espectador. Em um jogo de cheios e vazios, baixos e altos relevos, encaixes e protuberâncias, equilíbrio e monumentalidade, confere à pedra sabão uma perspectiva histórica, erguendo com ela uma ponte sólida com a memória ancestral e a luta contra as inúmeras tentativas de apagamentos da população negra no Brasil.

Referências

ALMEIDA, Anderson Diego da S; GAIA, Rossana Viana; LIMA, Maria de Lourdes. *Santos e Orixás: sincretismos, estética e arte afro-brasileira na estatuária da Coleção Perseverança*. In: Revista Crítica Histórica. Universidade Federal de Alagoas. Ano VII, nº14, 2016. Link de acesso: <https://bityli.com/vtGre>

ARGAN, Julio Carlo. *História da Arte Italiana: Da Antiguidade a Duccio – v.1*. Trad. Wilma De Katinszky. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

BAZIN, Germain. *A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil. Vol. I*; tradução Glória Lúcia Nunes. Rio de Janeiro : Editora Record, 1956.

Bossa Criativa / Mostra Ouro Preto / Apresentação / Pedra Sabão. Canal do Youtube: ARTE DE TODA GENTE. Fundação de Arte de Ouro Preto, 2022. Disponível em: <https://youtu.be/s3DYJQNOKzE> <Acesso em: 08 de fevereiro de 2022>.

CONDURU, Roberto. *Pérolas negras – primeiros fios: experiênciss artísticas e culturais nos fluxos entre África e Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória: o Reinado do Rosário no Jatobá*. 2 ed., rev. e atual. – São Paulo : Perspectiva ; Belo Horizonte [MG] : Mazza Edições, 2021.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *Os Passos de Congonhas e suas Restaurações*. Brasília, DF : Iphan, 2011.

SAMPAIO, Márcio. *Jorge dos Anjos: Risco, Recorte, Percurso*. Coord: Jorge Luiz dos Anjos; Organização: Irena Seabra dos Anjos e Janaina Alves Melo – Belo Horizonte : C/Arte, 2010.

VALENTIM, Rubem. *Manifesto ainda que Tardio – (1976)*. In: Rubem Valentim: construções afro-atlânticas/ catálogo. Curadoria Fernando Oliva; organização editorial

Adriano Pedrosa e Fernando Oliva – São Paulo : MASP, 2018.

WERKEMA, Mauro. Aleijadinho, vida, obra e meio. IN: LEMOS, Paulo. Aleijadinho 200 anos. 1ª edição. Ouro Preto : Livraria & Editora Graphar, 2014.

Como citar:

FERNANDES, Raquel. Colunas de pedra sabão: a geometria que nos desvela outras histórias. *Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA*, São Paulo: CBHA, n. 42, p. 1165-1176, 2022 (2023). ISSN: 2236-0719.

DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.42.094>

Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>